

Dores e amores

Pains and loves

Juliana Maria Hilel

Estudante de Ciências Sociais na UFF

Resumo: As dores e os amores sofridos são o tema dos poemas de Juliana Maria Hilel que descrevem fatos históricos sobre dores e conflitos, que deixam marcas viscerais em toda a sociedade. Os seus versos têm muito sangue e gritos de luta em seus versos, erguendo bandeiras contra preconceitos e violências sociais. Para Juliana Hilel, as portas para a arte ainda são muito fechadas, é preciso levar nossa voz onde é possível se fazer ouvir.

Palavras-chave: Poemas brasileiros. Poesia contemporânea. Problemas sociais.

Abstract: The pains and loves suffered are the theme of Juliana Maria Hilel's poems. The verses describe historical facts about pain and conflicts, leaving visceral marks on society as a whole. The poems are filled with blood and cries of struggle, raising flags against prejudices and social violence. For Juliana Hilel, the doors to art are still very closed; it is necessary to take our voice where it can be heard.

Keywords: Brazilian poetry. Contemporary poetry. Social problems.



Aprisionados no tempo

Era um navio de carga
Tinha muita mercadoria
Coisa que rende dinheiro
Mas estraga
Tem praga que faz sangrar os dentes,
Tem que jogar no mar
Prá não contaminar
Doentes são prejuízos

O navio chegou
A carga chora
Amarrados uns aos outros
O comprador analisa
E fala: "Serve!"

Então, começa o leilão
Braços fortes para a lavoura
Mulheres para a labuta
Tem até mais clarinha
Prá servir a sinhá (ou ao senhor)
Mostra os dentes
As mãos e o corpo
Atributos laborais dos homens e mulheres
Atributos luxuriantes das jovens meninas.
Todos exibidos no cais
"Quem dá mais?"

Aos gritos
Famílias são separadas
Cada qual vai para um lado
Caminhos sem volta
Agora é a lei do chicote
Do pelourinho
Da senzala.

Nesta terra
Negro só trabalha
E sonha em fugir
Encontrar outros
E partir

De volta à África querida
Terra que ficou prá trás
O negro ficou aprisionado
Em um tempo cruel
De carne e de coração dilacerados.

A esperança tem canto
Tem jogo de capoeira
Tem tambores embalando os cantos
Dos guias que viraram santos

"Mas eu vou fugir
E fujo
Corro."

Corre o negro
Corre o capitão do mato
Correm os cães

Capitão do mato atira
O negro cai e sangra
Ainda dá tempo de pensar:
"Melhor morto e livre!"

Fechou os olhos e abriu
Não morreu
Ainda sangra.

O sangue encharca a mesma terra
Em outro tempo
Tempo dos capitães do asfalto
A senzala é o morro, a comunidade
Onde o negro segue amontoado
Encarcerado na sua cor
No seu destino,
Preso num tempo cruel que nunca passou:
O tempo da escravidão!

Inverno

No inverno
As carnes tremem,
Os ossos doem
será que dói neles também?

No inverno
A névoa da invisibilidade se dissipa
E a misericórdia acorda.

No inverno
Tem sopa quente e roupa seca
Maior que meu corpo desnutrido
De verões, primaveras, outonos
Mas no inverno eles sempre vêm
Será que arrumam gavetas?

Neste inverno
Tem até café preto quente,
Com cheiro que me fez ouvir
Quase (de verdade) a voz de mainha chamando
Pra tomar café preto com farinha.

E mainha dizia:
"Cê vai crescer, vai embora do sertão
aqui é muita dor neste calor, vai ganhar o mundão
lá tem oportunidade, vai fazer faculdade
enricar e voltar prá me tirar deste inferno!"

Será que mainha sabia do inverno?

Manha

Numa terra tão bonita
tem sujeira debaixo do tapete
tem dinheiro na mala, no escritório, na sala.
Rola corrupção.
Rolo com trapo, com fiapo e fiasco.

“Bêbado falou demais!”
Já foi, fazer o quê?

E segue a eleição
As promessas falhas de sempre
Assim se vence!

Quem “ganha” é o pobre
É o jogo
Fazer pobre, muitos pobres,
Eles têm a “manha”.

Vende o voto e vota em outro
sem saber que foi pago pelo outro
que faz campanha invertida
para enganar gente sabida!

Mulher em flor

Eu flor
Me vestem de poesia
sou regada, admirada, sou presente
Sou podada, mutilada,
Cadê a vida?

Eu bicho feroz
sou temida, admirada,
aprimada, treinada
Protegida
Para quem?

Eu pássaro
Invejam minha asas
imitam meu voo,
vestem-me de gaiolas, podam minhas asas,
Por quê?

Eu criança
Cantam meu olhar, meu riso é poema,
sou oprimida, crescida, abusada
preciso me defender
De quem?

Eu mulher
Me vestem de beleza
uso adornos de leis,
sou menos, sou julgada, oprimida, abatida,
Até quando?

Eu flor quero viver no galho
até me despetalar ao vento!

Eu bicho quero liberdade
correr, caçar, sem ser caça!

Eu pássaro quero voar
abrir minhas asas e planar!

Eu criança quero brincar e crer
que posso confiar e ser inocente!

Eu mulher quero ser humana
sem precisar de batalhas, de dia, de delegacia,
somente viver, a poesia de ser
quem eu escolher ser:
flor, bicho, pássaro, criança!

Quem sou?
Sou MULHER,
Sou LIVRE!

Sangue's

Sangue de pobre
Sangue de nobre

Sangue na favela
"Que novela!"
Sangue na mansão
"Investigação!"

Sangue vermelho de preto e de índio,
De mulher e de menino
Sangue na alma da mãe que perde o filho

Sangue na guerra, sangue na terra
Sangue no chão, sangue na mão
De quem pode fazer morrer

Sangue nos olhos de quem odeia a morte
Respinga sempre nos pés descalços
Daqueles que não têm sorte!

Sangue, sangue, sempre sangue...
Derramado!

Silêncios

Num burburinho de ausências
Eu falho comigo
Sem compreender
Que a minha melhor companhia
É este meu jeito de ver
De ser, e amar... Demais!

Em um lampejo de inconsciência
Esqueço-me das verdades vividas,
Mergulho em devaneios
E novamente acredito em suas falácias

Busco-te, e rendo-me à lascívia,
É tanta dor imersa neste deleite de sabor amargo
Que grito gargalhando, (pois choro):
Amo-te como nada! Tudo!

E sangro reiteradamente.
É por isso que escrevo,
Para suprimir a saudade;
Quem sabe assim as vozes “durmam” nos papéis
E este silêncio se cale!

Minha terrinha campista

Campos dos Goytacazes
Terra de índio bravo, de negro escravo
De europeu rico, colonizador

Capitania de São Tomé
Paraíba do Sul
Vila de São Salvador

Em seus canaviais abrigou dores e amores
Um jacaré chamado Urural vive no rio
Escravo que por um amor proibido foi sangrado
Urural destrói barcos
Mata gente que ousa se aproximar
Do Convento da Lapa, prisão de sua amada!

Terra de gente inteligente, politizada, teve até presidente!
Fala chicrete, cabrunco, lamparão
Usa enxugador, engomador
Sente gastura.
Come chuveiro, melado e rapadura.

Gente sofrida, gente pobre
Povo bom, rico de faculdades.

Quem sabe um dia o campista possa estudar
Trabalhar e morar na terrinha
Prá veranejar janeiro
Seguir o trio *do Farol em fevereiro*
Depois aposentar e ir coisando a vida
Empinando papagaio e pocando a boca do balão.
Show de bola!

Juliana Maria Hilel

Sobre a autora

Juliana Maria Hilel  

Graduada em Ciências Sociais pelo Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR) da Universidade Federal Fluminense (UFF). A autora publica seus poemas em jornais, redes sociais e declama poesias em casas noturnas e eventos.

Email: jhilel@id.uff.br